

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: A GUERRA NO CINEMA

PARTE II – OUTRAS VISTAS DO CAMPO DE BATALHA

23 e 26 de Maio de 2023

CULLODEN / 1964

um filme de PETER WATKINS

Realização, Argumento: Peter Watkins *Fotografia:* Dick Bush *Som:* John Gatland, Lou Hanks *Montagem:* Michael Bradsell *Música:* *Produção Artística:* *Direcção Artística:* Anne Davey, Colin MacLeod, John Shaw, Brendon Woods *Caracterização:* Ann Brodie, Jennifer Veitch *Duplos (coordenação da batalha):* Derek Ware *Interpretação:* Tony Cosgrove, Olivier Espitalier-Noel, Don Fairservice, George McBean, Robert Oates, Patrick Watkins, Peter Watkins, etc.

Produção: BBC-British Broadcasting Corporation (Reino Unido, 1964) *Cópia:* Blu ray, preto-e-branco, legendada electronicamente em português, 69 minutos *Estreia no Reino Unido:* 15 de Dezembro de 1964, na BBC *Inédito comercialmente em Portugal, Primeira apresentação na Cinemateca:* 20 de Outubro de 2016 (“A Cinemateca com o Doclisboa: Peter Watkins”), com *Diary of an Unknown Soldier* (Peter Watkins, 1959).

Culloden é o primeiro dos títulos dirigidos por Peter Watkins para o serviço de produção documental da BBC, revelador da atenção particular às questões da guerra, na perspectiva anti-militarista que marca a sua obra. Ou na perspectiva da descodificação da “guerra” assente num trabalho sobre as suas formas de representação e legitimação, políticas e mediáticas, como se notou – e viu – por altura da retrospectiva da sua obra em 2016, em Lisboa, altura em que este filme foi apresentado com a curta-metragem de 1959 *Diary of an Unknown Soldier*, rasto que este texto mantém. São preocupações nucleares do trabalho de Watkins, construído num território que põe em diálogo os termos convencionais dos registos documental e da ficção, propondo um caminho, nesses anos, pioneiro.

Watkins reconstitui, filma a representação da representação, valendo-se dos recursos da linguagem documental e narrativa cinematográficas nesse terreno “híbrido” ou “especular” (o da “falsa reportagem”), aí fincando as “armas” do seu cinema, não por acaso associado aos termos *política* e *resistência*. Em *Diary of an Unknown Soldier*, diário de um imaginário soldado desconhecido da frente da I Guerra, datado de 24 de Dezembro de 1916, “perto de Combres”, e interpretado por Brian Robertson, um amigo de Watkins, a primeira declaração, em *off*, é na primeira pessoa e desde logo poderosa – “O último dia da minha vida” –, seguindo o filme o registo diarístico, em que Watkins faz reflectir a sua experiência da II Guerra. Realizado em plena Guerra Fria e em plena Guerra do Vietname, *Culloden* é a reconstituição da batalha homónima do século XVIII, na Escócia, em que os intervenientes no campo de batalha são filmados e ouvidos a partir de um dispositivo que é tanto o do cinema directo desses anos como o das reportagens televisivas.

Para aí chegar houve um caminho, conta Peter Watkins num texto disponível na sua página da Internet e replicado em outros lugares: o ponto de partida deve situar-se nos meados dos anos 50 do seu serviço militar obrigatório e do seu encontro com o grupo de teatro amador Playcraft, quando participou numa peça ambientada nas trincheiras da I Guerra (*Journey’s End*). Foi nessa época que, logo a seguir à tropa, foi “picado por outro bicho”, o do cinema amador, que começou a praticar com uma câmara Spring

Driven Bolex de 8 mm, arrastando consigo “os pacientes membros” da Playcraft numa série de dramatizações, entre elas *The Web* (1956), “uma saga ambientada em França durante os últimos dias da II Guerra”: “não obstante a sensibilidade da interpretação dos membros da Playcraft, os elementos fílmicos e dramáticos eram estereotipados e devedores da falta de jeito, salvo um plano cheio de grão filmado por trás de um soldado alemão que estava dentro de um abrigo subterrâneo e se preparava para disparar. Esta cena, que se assemelha às actualidades alemãs, foi a imagem precursora do trabalho subsequente.”

Parece ser, no entanto, consensual, que é em *Diary of an Unknown Soldier* que Watkins sinaliza o *estilo* que virá a adoptar nos seus filmes. Todo o discurso *off* é uma declaração anti-militarista – “O terrível da guerra não é só o facto de termos de matar homens nossos semelhantes, é termos de os odiar e continuar a odiar” –, mas sobretudo o filme é visualmente poderoso. A fotografia é do próprio Watkins que, de resto, assina praticamente tudo a solo, filmando a partir de um guião pormenorizado e sem som directo, já que, por questões financeiras, a banda de som com a narração *off* e os sons e ruídos realistas, a música militar, foi sincronizado na montagem. Realizado depois de *The Forgotten Faces* (1960), que Watkins considera parte da sua “filmografia amadora”, *Culloden* é uma “super-produção” ou, exactamente, o primeiro “telefilme BBC” de Watkins e, segundo ele próprio, o único que, juntamente com *Edvard Munch* (1974), “teve uma ampla aceitação no Reino Unido” e que, “pelo trabalho com amadores, câmara móvel, estilo ‘tu-estás-aí’, foi visto como um passo decisivo na realização de documentários para televisão, em paralelo com os progressos feitos para a BBC por Ken Loach, Ken Russell e outros realizadores”. Também *Culloden* começa por situar a acção – no caso, “Quarta-feira, 16 de Abril de 1746. Esta é a guarda avançada formada exército inglês por nove mil homens. O seu objectivo: o pântano de Culloden...”. Com um assinalável grau de elaboração e de complexidade, baralham-se os termos e os registos.

Maria João Madeira